

JORNAL

DO

CONSERVATORIO

N.º 23)

Publica-se todos os Domingos. (Maio 10, 1840.

THEATRO ALLEMÃO

WERNER.

Em profunda admiração nos absorvemos todas as vezes, que, ao lançar os olhos sobre a vida de um homem celebre, achamos que elle se amostra sempre o mesmo, no principio, no meio, e no fim da sua carreira. Abá-lan-os esses characteres que nenhuma influencia do mundo exterior pôde alterar, e nunca é tão excitada a nossa sympathia, como quando os vemos a braços com as dores da alma e do corpo. Quem se não recordará de Hoffman no seu leito de dôr e de morte, entregue ao mais horroroso soffrer? Pobre infeliz; os medicos acabavam de atormental-o: porque podessem reanimar-lhe a quasi extincta vida, tinham recorrido a um remedio horridamente energico. Um ferro em brazas lhe tinha sido applicado sobre toda a extensão da columna vertebral. Acabada a operação um amigo lhe entra no aposento, e o moribundo lhe pergunta: — « Que te parece, amigo: não te cheira ja por ali a carne assada? — « Horrenda móffa, desprezo das mais atrozes dores, animo de ferro, gosto sustentado para tudo quanto era de horror, não ja imaginario, mas real, sentido, comprado á custa de torturas infernaes! Que cutros commentarios para pintar essa indole estranha, que em toda uma vida, não viveu senão no mundo phantastico!... — Character forte e energico, de tal vigor era sua tempera, que nunca permittiu nem aos annos, nem ás enfermidades outro dominio que o do seu corpo, a que a alma jamais se dobrou. Até ao seu ultimo alento o sarcasmo lhe adejou nos labios; remate condigno para essa vida que não fôra mais do que uma longa exaltação, uma febre continua: — ultima scena, que fecha de uma maneira bem logica esse drama singular bello e triste, que é chamado vida de Hoffman o poeta, o pintor, o musico!

Que differença achareis em Werner, o

poeta dramatico de Koenigsberg, o auctor de *Luthero!* — Procelosa lhe é a juventude; só-critica a todos os prazeres; é o amigo particular de Hoffman, e seu collega em nobres labores; este compõe a musica para um dos seus primeiros dramas — *A cruz no Baltico*; Werner acompanha o amigo nas suas viagens pelas regiões phantasticas, e se vóta ao culto dos poderes secretos e mysteriosos. Deixa depois a religião protestante para seguir a Catholica. Um dia abraça o systema de providencia e predestinação; outro dia reconhece uma potencia fatal que impéra absoluta sobre a vida do homem: por fim absorve-se na graça divina, na resignação, no arrependimento, e na penitencia: então se desdiz do que escrevêra, quando joven; calca aos pés seus primeiros louros, e protesta solem-nemente contra o seu grande drama *Luthero!*

Frederico Luiz Zacharias Werner nasceu em Koenisberg no anno de 1768 onde cursou os estudos de jurisprudencia e economia politica, seguindo depois o curso do philosopho Kant. — Tendo de idade vinte e cinco annos foi nomeado Secretario de legação, emprego que exerceu em diferentes payses. Estando em Varsovia n'esta qualidade, ali publicou, em 1800, o seu drama *Os filhos do valle*, e começou a travar relações com Hoffman: em 1804 compoz a *Cruz no Baltico*. Tendo sido chamado a Berlim, e promovido a logar mais elevado, entregou-se a toda a extravagancia de uma vida licenciosa e dissipada; isto é, tornou ao seu antigo viver d'estudante da universidade, accrescentando somente a essa reminiscencia um religioso mysticismo inteiramente novo para elle. Tres vezes se casou; tres vezes se separou de cada esposa. O ultimo divorcio teve logar em Berlim, e contra sua vontade. Moça e bella era a Polaca sua mulher, a qual elle tinha desposado em Varsovia, sem que elle soubesse uma palavra do idioma da Polonia, nem ella entendesse cousa alguma do alemão: as devassidões de Werner concorreram para que quebrasse essa terceira e ultima união, que o amor soubéra tornar possível, com quanto lhes faltasse o

mais poderoso meio de intelligencia. Foi em Berlim que publicou, em 1806 o seu *Luthero*, que tão profunda e perduravel sensação ha feito em Allemanha.

As pessoas que parece haverem produzido em Werner mais forte impressão, foram primeiramente Goethe, sob cujos auspicios viu pela primeira vez representada, em 1809, a sua celebre tragedia — *24 de Fevereiro*; depois foi Madame de Staël que elle encontrou em Interlachen na Suissa, e á qual fez, passado algum tempo uma visita de muitos mezes em Coppet. Ahi encontrou tambem M. Wilhelm Schlegel. Quando Werner dá a Madame de Staël os nomes de — moderna Aspasia, co-libertadora da Allemanha e da Europa, confessamos que nada temos a observar; antes nos assoma aos labios um sorriso por tão hyperbolicos encomios. Quando chama a Goethe, luminoso guia nas trevas de seu espirito atribulado, quando lhe chama o seu sol — *helios* —, facil nos é explicar esse tam grande enthusiasmo para com o mais brilhante e idolatrado genio da nossa época. Mas eis-que nos vamos nós separando ja muito de Werner, quando este faz a Goethe a honra insigne de attribuir-lhe a resurreição da Allemanha opprimida; quando não duvida declarar-o atalaia que indica á patria o caminho da liberdade. Assim se desconhece a natureza de Goethe; assim se offende a verdade, e se falsifica a historia; assim se orla de aureola divina a fronte de um poeta cujo egoismo era tam grande como o genio, apostolo fervoroso do culto anti-nacional da arte para com a arte.

A patria, e a nacionalidade eram para Goethe, segundo elle proprio confessa, *terrêno pouco digno da poesia*. Mais lhe appraz queimar incensos sobre altares que a si proprio erguera, do que sacrificar a deuses tam prosaicos. Goethe foi grande artista, grande escriptor, grande poeta; porem nunca apostolo da liberdade, nem homem nacional.

Em 1810, estando Werner em Roma, mudou de religião. Em 1816 tomou ordens, e foi instalar-se como prégador, em Vienna, na época do congresso. Ahi prégou perante numerosissimas assembleas, apezar da in-experiencia que ainda tinha da sua nova profissão: ardor apostolico, exaltada devoção suppriram n'elle o uso e a pratica.

A indole do homem não se muda com a vontade: por entre todos os simulacros de que a rodeam lá surge a verdade, e se mostra sobranceira. Poeta por natureza, homem fantástico e caprioso em suas preoccupações, parecia Werner muitas vezes não ter deixado a sua primeira scena senão para sub-

stituil-a por outra, e havel-a transportado do theatro para a igreja.

O talento que mostra como orador, e o effeito que produziu sobre o seu auditorio, foram muito desiguaes, e bem assim as manifestações do seu espirito. Ostentava as vezes vigorosa eloquencia, luzeiros que deslumbra-vam, e grande sagacidade; quando porém se confundia em arrependimentos amaldigoando a quadra da sua mocidade, quando accusava os peccados da sua anterior vida, e se dizia o mais indigno dos servos de Deus, só conseguia excitar legitima desconfiança de sinceridade, exagerada penitencia, e arrebatada humildade. Todavia ainda as turbas algum tanto se commovêram; e quando, em 1823, expirou contando 55 annos de idade, o povo entrou em chusma na igreja aonde se depositára seu corpo; adoraram-o como santo, e lhe arrancaram os dedos das mãos e pés, para se fazerem reliquias.

Ephemera apothéose! — Não rara a justiça do povo se deixa transviar, cedendo a momentaneos impulsos; mais com ingenuidade e lizura revoga suas sentenças, porque possui o sentimento da propria força, e não resiste á da verdade. Veiu o publico a mostrar-se ainda mais justo do que o fôra para consigo o proprio poeta. Dividindo-lhe a vida em dois periodos, o da mocidade e concepções energicas, e o da curta velhice e pretendida conversão, reconheceu, e com seu suffragio recompensum, o primeiro como grande e bello, esquecendo e desculpando o ultimo, como hum triste e miserando testemunho das fraquezas humanas. *Santo Werner* desapareceu do calendario popular; mas o inspirado auctor de *Luthero*, e de *24 de Fevereiro*, eterno vivirá na lembrança e admiração dos povos.

Após os ja citados dramas, entre os quaes merece um dos primeiros logares *O filho do valle*, quadro descriptivo da ordem dos Franc-Maçons e Templarios, ainda mencionaremos *Atilla rei dos Hunos*, *Wanda rainha dos Sarmatas*, *Cungunda*, e a *Mãe dos Macchabeus*, sua ultima producção que publicou em Vienna no anno de 1820.

Estas differentes obras são fiel transumpto do character irregular, phantastico, pensativo, e — a vezes selvagem, do poeta.

A par das muitas bellezas de primeira ordem, grande perfeição d'estylo, idéas sublimes e inspiradas pelo mais puro fogo poetico, dam-se-lhe com algumas exuberancias que denotam desmesurada vaidade, nota-se-lhe particular tendencia para a mystica, negligencias de expressão, e frequentes trivialidades. No segundo periodo da sua vida pertenc-

deu Werner ajuntar prologos aos seus dramas, mas com elles não foi feliz.

O triumpho de Werner é a sua tragedia, *24 de Fevereiro*. Util fôra para a sua gloria que nenhuma outra houvesse escripto, pois qualquer das outras producções não chega a egualar a de que falámos. Obra singular, filha de uma imaginação senhoreada por um genio terrivel e sombrio, resumindo em brevissimo quadro tudo quanto pôde encher a alma de horror profundo: nem deve essa tragedia ser considerada como qualquer dos muitos dramas que devem sua origem ao dogma da fatalidade, e que não são mais do que imitações da de Werner. A elle só pertence a idéa primaria, original, dramatica em sua concepção, tragica no seu desenvolvimento, e de um effeito espantoso.

Sobre um dos mais elevados pincares dos Alpes na Suissa uma triste e miseravel cabana está situada entre Kandersteeg e Leuk, entre montanhas e rochêdos que a separam do resto do mundo. Ahí moram dous velhos, Kunz Kuruth, e sua mulher Trude: foram ricos outr'ora, e hoje em hedionda penuria gastam a vida. Dous appostos completam toda a misera habitação, e do frontal que os separa vêem-se pender uma fouce e uma grande faca: no fundo, um feixe de palha está proximo a um banco arruinado. Kunz desposára Trude contra vontade de seu pae: desde então eram para esta as invectivas, e para um filho que tinha as exprobações. Uma noite, depois de ter cuspidos os mais duros baldões na face da esposa, Kunz enfurecido arrojou uma faca ao peito do ancião seu pae. O instrumento de morte lhe resvalou pela encanecida fronte sem por ella penetrar, mas o velho abafando de furor expira amaldiçoando o filho, e toda a sua geração. Era o dia 24 de Fevereiro.

Tivera Kunz um filho e uma filha: o rapaz quiz imitar a maneira pela qual sua mãe tinha matado uma ave, lançou mão da funesta faca, e degolou a innocentinha da irman. O pae o amaldiçoou; e elle fugiu espavorido; nunca mais se soube d'elle. Foi no dia 24 de Fevereiro!

D'ahi àvante, foram tudo desgraças para a casa de Kunz: sempre a maldição o perseguia.

Uma noite entrou Kunz na sua cabana ja fora de horas: vinha extenuado de fome e frio; — nem lenha para se aquecer; nem pão com que matasse a fome! Faltaria uma hora para que fosse meia-noite; a cabana estava alumada com a luz morticia de uma pobre alampada, a neve e o vento batiam nas desconjuntadas janellas; e Kunz se entretinha com sua mulher de uma nova desgraça que

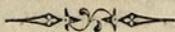
os ameaçava: um desapiedado erêdor lhe disse, que se amanhã não pagarem o que devem, a cabana lhes será tirada, e a prisão se abrirá para elle! — Kunz não vacilla no partido que tomará: resolve precipitar-se no lago.

A parte discriptiva d'esta scena, o quadro da natureza aspera e selvagem da Suissa, são modellos de belleza traçados por mão de mestre. Só lidos no original selhes poderá apreciar e admirar toda a perfeição.

Em quanto dura o dialogo, no qual o auctor dá mostras de profundo conhecimento do coração humano, batem á porta da cabana. É um homem que pede hospitalidade: Kunz abre a porta e selhe apresenta um mancebo bem trajado, e cujo fardel é bem provido de viveres e dinheiro. Era o filho que julgavam morto, e que vêm implorar a benção de seus páes, e depositar a seus pés toda a riqueza que possui: porém o mancebo quer causar-lhe uma surpresa, e por isso deixa para o dia seguinte o declarar-se: conversa todavia com os hospedes, e a espaços váe deixando cahir algumas palavras que lhes deixem ver que elle está instruido de todos os seus segredos. Kunz começa a suspeitar que porventura esse estrangeiro, d'outro modo que não pelo trabalho e probidade, adquirira as riquezas: uma idéa infernal lhe assoma á mente atribulada. — « É sem duvida um salteador; eu não sou senão desgraçado; o outro d'este homem pôde salvar-me da ignominia que ámanhan me espera. . . . » A mão lhe treme, os cabellos se lhe erriçam na enrugada fronte; hórridas visões o perseguem, e atordôam: mas a prisão! e Trude morrendo á fome? Então dá meia-noite: — O mancebo ja dorme a somno solto: Kunz toma a faca das maldições, arroja-se sobre o filho, e lhe traspassa o coração. — O mancebo exalta o ultimo suspiro pedindo ao pae a benção, e perdoando-lhe, como Deus perdoa a todas as creaturas. Que dia era esse? — Era o fatal 24 de Fevereiro! . . . O misero velho espedaça o ferro maldito, abraça os pés do filho assassinado, e porfim se ergue, e firme pronuncia estas palavras: — « Eia, em nome do céu, que sem uma só queixa sofferei o castigo que merece o meu feito! vou entregar-me á justiça e confessar meu crime; e quando o cutello do algoz me houver decepado a cabeça, então julgue-me Deus, que sabe tudo! . . . É hoje vinte e quatro de Fevereiro — é só um dia, e a graça de Deus é eterna. Amen. »

É impossivel ler a tragedia de Werner, sem que o coração se sinta confrangido por emoções profundas, e indizível horror para com o crime commettido, ao mesmotempo que sente commiserção e dolorosa pie-

dade para com o infeliz, que, impellido por funesto destino, quasi sem o querer foi, tão criminoso. E' nesse character que bem se conhece o merecimento tragico, e a perfeição da obra. E' verdade que Madame de Stael, em um livro que melhor fôra esquecer do que citar se accaso se quer falar com conhecimento de causa da litteratura alleman, duvida d'esse merecimento, fundando-se em que o verdadeiro tragico não cabe á rasteiras regiões do povo, nas quaes Werner estava collocado. De certo Madame Stael tinha jantado mal n'esse dia, e deslembrava-se de que era republicana. O mais certo porém é que a auctora ainda então não havia lido a brilhante invocação que Werner convertido endereçava á moderna *Aspasia*; aliás tantas coroas lhe houvera lançado, que talvez teria ouvido repetir as palavras de Richter: — Vossas coroas, senhora, são tão largas para a minha cabeça, que me cahem pelas costas abaixo.



A LITTERATURA DRAMATICA.

SOB OS IMPERADORES ROMANOS.

 litteratura dramatica, que é muita vez a expressão do estado de civilização d'um seculo, offerce-nos d'ella um reflexo sempre; e para vos convencerdes que esta asserção não é gratuita, lançae os olhos ás chronicas da idade-media, á historia deste seculo, á dos que passaram á muito — Todavia, ha épocas em que esta verdade fulge com luz mais viva porque os acontecimentos, e o bolicio dos espiritos lhe deram realces que impõem constante, e profunda convicção. — E nem, para exemplo, lançarei eu mão d'uma época visinha; que tanto se tem falado do seculo deoito, que já não tem mysterios a sua historia; mas d'um periodo historico menos popular, menos dado ao vento da publicidade: — o da longa agonia do romano mundo. Assim como para o crime, annaes para o theatro encerra o imperio dos Cezares; e bem calcado têm elles o scêlo dos costumes e character do tempo.

Na epocha em que Augusto troçára a curule consular pelo throno imperial, comquanto em decadencia estivesse a sociedade, não lhe estava ainda eminente a decomposição: entre os grandes da capital do mundo havia dignidade ainda, e o amor do luxo e das artes tinha dado movimento á cultura das artes, e obras litterarias de toda a casta. Roscio, o actor famoso, que Cicero amava e

protegia, era admirado sobre a scêna; e as peças do theatro grêgo acabavam de ser traduzidas para quotidiano divertimento do povo-rei. E' verdade que, quando Augusto subiu ao throno imperial, applaudia Roma os gladiadores e combates de fêras; mas buscava tambem com sollicitude as obras primas dramaticas, e sabia outhorgar corôas de ouro aos actores que lhe mereciam aclamações. Naquelle tempo escrevia Marco Scauro a tragedia de *Agamemnon*, e disfructava a protecção e benevola amizade d'Augusto. Bastas vezes o chamava o suberano para que lhe lesse algumas scênas d'aquella obra, interrompendo-o a espaços para lhe dizer a sua opinião acêrca dos defeitos e brilhantes qualidades da mesma. Foi porventura n'uma destas palestras artisticas, que Scauro deu ao imperador a idéa de compor uma tragedia. Ha momentos em que a imaginação está de tal arte, que ainda que nunca se haja compôto proza, verso, poema ou o querque seja, cadaqual se julga feito para grande escriptor; só porque sentiu no peito aquillo a que chamam veia, estro, inspiração ou qualquer outro nome. — Augusto estava talvez em semelhante disposição d'alma e de espirito, poisque acceitando a proposta, prometeu levalla a cabo ainda que fosse á custa do seu repouso. Não tardou muito que achassem assumpto convinavel, e o imperador e o actor-poeta deram á futura tragedia o titulo altisonante de — *Ajaz furioso*! — O imperador gostava muito do estylo cuja simplicidade era adornada por uma certa elegancia: o escrever de Tito-Livio lhe agradava; tinha começado a pô-lo em pratica; e depois de algum tempo de estudo e exercicio conseguira o estylo que lhe approvérativenesssem todos; poisque dizia muitas vezes a Agripina, sua neta, que procurasse com specialidade falar e escrever naturalmente. O habito que Augusto havia contractado de não proceder senão por phrases simples e severas, lhe suscitou na sua tragedia poderosos obstaculos; não lhe era possível o traçar quadros de paixão violenta, que seu heróe tanto exigia: não descorçoando porem, mal que lh'o consentiam os negocios do estado, voltava ao trabalho com uma alma nova. — Pelas horas que o imperador consagrara a sua tragedia, não lhe devia faltar muito: — Scauro tomou um dia a liberdade de perguntar ao poeta, se lhe seria possível admirar algumas estrophes do seu *Ajaz*. Augusto abanou a cabeça, e respondeu que para outra vez; mas Scauro com a ajuda do voluptuoso Horacio, e do historiador Tito-Livio tam amado por Cezar, que até lhe era permitido lembrar-se de Pompée, — Scauro e os dois amigos tanto appertaram com elle,

que por fim Augusto lhes disse: — Sabeis o que é feito do meu Ajaz? — Morreu! — Tito-Livio, Horacio, Scauro, olharam uns para os outros, e nem uma só palavra lhes fugiu dos labios: — Está morto! repetiu o escriptor coroadado, está morto, e quem o matou foi o meu raspador. — E na verdade o Cezar tinha voltado tantas vezes com o estylo de marfim e raspador de oiro ao papyro, onde tracava as scenas do seu Ajaz, que a tenue e delicada superficie quasi que havia perdido toda a espessura, e os pobres versos tinham exalado a alma. Desde então nunca mais Augusto Cezar se meteu a compôr tragedias; o que todavia o não inhibiu de proteger toda a sua vida os actores e auctores dramaticos.

Foi no seu tempo que o circo acabou de sofrer as modificações exigidas pela representação das peças de theatro. Haviam-se já construido monumentos que eram inteiramente semelhantes ás scenas athenienses. Mas não appraziam na Grecia os cruêntos jogos do gladiador, nem os ferozes combates de feras roubadas aos bosques virgens da Numidia para os brutaes prazeres do amphitheatro; ao passo que é isto uma paixão do povo-rei. Para corresponder pois a esta dupla necessidade — o spectaculo das luctas d'homens e de alimarias, e a representação de comedias e tragedias — e para que o povo soberano não descorçoasse no seguimento dos variados prazeres, tornou-se o circo uma arêna e um theatro ao mesmo tempo. Por meio d'ingenhosas machinas, cujo segredo se perdeu, metamorphoseava-se o amphitheatro; desapparecia a arêna; largas cortinas de purpura pendiam de grossos varões de oiro; e pinturas a traço, como as que se acharam nas ruinas de Herculanium, perfilavam e contornavam vastos edificios, ou altivos bosques, que deviam formar o assumpto da decoração.

Mas não era ainda o tempo d'Augusto a epocha do grande luxo dos romanos: a litteratura dramatica se ostentava nôbre e sévera na tragedia, e a satyra não tinha na comedia descido aos equivocos e graçêjos licenciosos. Os auctores, julgando-se felizes por serem companheiros dos Virgilios, Horacios, e Livios, davam ás producções o character sublime que a historia e poesia havia tomado. — A chegada da familia de Seneca a Roma, d'essa familia, cuja indole hispanhola apresentava o typo combinado dos Gismãos d'Alfarache e dos herôes de Sagunto, deu origem a uma nova eschola cuja originalidade de ideas se misturava com o empolado dos termos, e luxo exuberante dos epithetos: Luciano, Stacio, e Floro foram os sectarios do novo genero, cujos defeitos muito mais que as qualidades, não tardaram a estar na mo-

da: delle fez adopção a litteratura dramatica, como as outras; mas antes de cabir no excesso foi-lhe posta uma mordaga pelo successor d'Augusto.

As litteraturas de todo o genero que não tinham naquelle tempo as distincções da academia, porisso mesmo que tal coisa se não conhecia então, eram recompensadas pela admissão de suas obras nas galerias do templo que coroava o monte palatino: — era pois este templo a academia dos auctores, o pantheon dos homens que se extremavam na sociedade romana. — Aos que lhe não incensavam os crimes fexou-lhes Tiberio a entrada, e não parou aqui; uma specie de censura organizada estabeleceu um tribunal inquisitorio no recinto do templo; as producções dramaticas do reinado de Augusto foram compulsadas, analysadas, e interpretadas; e foi a menor allusão signal de morte. — M. Scauro auctor da tragedia de *Agamemnon* não poudo escapar á proscripção; alguns versos desta peça, que tinham sido notados depois que o tyrano subira ao throno, serviram de texto a uma accusação cujo fundamento só existia na vontade de perder o infeliz auctor dramatico: — um dia em que Scauro saudava com Falérno alguns amigos coroados de flores, e recostados na rélva, apparecêram de repente soldados pretorianos, e não dêram a Scauro senão o tempo necessario para cobrir a cabeça, e accentuar uma maldicção contra o infame assassino... — n'um momento foi o seu sangue manchar as alvas togas dos convivas.

Morto Tiberio, pareceu querer renascer a poesia sôb Claudio, Caligula, e Nero; mas tinha perdido inteiramente a nobreza, gravidade, e pureza; e se a poesia dramatica fez abrir os theatros, se o vencedor nos jogos quinquenâes tinha o privilegio de assentar-se á meza dos imperadores, era como a condição do mais aviltante servilismo. — E á vista d'isto que deveria acontecer? — As suppostas obras primas de Stacio e Celio Aureliano, e seus muitos imitadores, não foram mais que um montão de phrases embaraçadas, synonymos repetidos, epithetos faustuosos, metaphoras atrevidas, e comparações exageradas. Procurava a poesia dramatica dar interesse aos assumptos d'imaginação, que ainda lhe era licito tractar; mas como a phrase mais innocente, a invenção mais desviada de critica directa, podiam ser interpretadas com maldade pelas doceis creaturas do imperador, os auctores dramaticos fizeram dramas e comedias tam cheias de phrases impoladas e sesquipedâes, que tudo o mais á sua vista desapparecia: a comedia e a tragedia só nos apresentaram desde então historias ou tradições populares. Já senão faziam peças heroi-

cas, porque só era licito á poesia dramatica occupar-se dos pequenos, e humildes: para se pôr ao nivel d'essas intelligencias inferiores, tornou-se em larça a comedia, fazendo alarde d'indecencias, que teriam n'outros tempos o merecido castigo dos censores; e a tragedia, quando ousou calçar o cothurno, pediu á linguagem dos mimos a expressão vaga, atraz daqual podia mais facilmente esconder a vida.

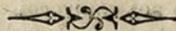
A ruina da arte sob a influencia maligna do despotismo affugentou dos theatros os patricios de bom gosto, e as cadeiras de mármore foram cedidas ao povo. Mas o povo é pobre, e por conseguinte para atrahir os ricos, todas as surpresas do machinista, e todos os prestigios do pintor e decorador foram chamados em soccôro da arte que perecia. Durante a representação das peças mais insignificantes, ao erguer-se o panno, viam-se com pasmo palacios de marmore com capiteis de ouro; cortinas das mais ricas e finas cores adereçavam todos os lados da scêna, e em todos os actos se renovavam; a espaços aromatizavam os arés repuchos de agua perfumada: o que era porem mais para admirar é que tudo consistia na realidade. O mármore era verdadeiro marmore, as estatuas haviam sido cinzeladas pelo estatuario, a purpura fluctuante era das mesmas fabricas que a que servia nos sanctuarios, e ao imperador: os bosques quando a scêna exigia tal decoração eram figurados com arvores arrancadas dos campos de Roma; as proprias flores e arbustos não poderam salvar a breve e delicada existencia por meio do prestigioso e bellissimo colorido dos pintores; — balanceando no theatro as esbeltas hastes, alardeavam a brilhante e odorifera corôlla como nos terrassos inclinados dos jardins.

Com o auxilio desta parte totalmente material da arte dramatica foram ainda bastante frequentados os theatros até aos reinados de Heliogabalo, e Commodo; com quanto só lá fossem para ver o luxo do spectaculo, e não para escutar versos empolados, ou contemplar pantomimas indecentes, que mesmo o povo nem sempre applaudia. O pequeno numero de homens que se recordava por tradição da época gloriosa de Augusto, serviu-se então da sua fortuna para poder ter em caza o que lhe negavam os theatros publicos. Construiram-os elles no interior dos palacios; e os escravos e libertos que mostravam alguma disposição para a arte dramatica eram convidados a representar as peças de Plauto, Scauro, Terencio, e outros auctores cujos nomes não alcançamos. — A' noite depois das fadigas ulicas, das orgias quotidianas dos passeios ao lado das damas romanas em doiradas li-

teiras, o nobre patricio encerrava-se no palacio e com a familia, os particulares amigos, e clientes se endereçava para a galeria onde se alçava o seu theatro intimo para poder admirar religiosamente os auctores que as turbas não comprehendiam. Porem este mesmo mysteriozo culto da arte não o consentiu a cruel inquisição dos imperadores Nero, Caligula, e Commodo. A tyrania accusou estas innocentes palestras de conspirações contra os dias sagrados do imperador, e o eutello do carrasco lhes poz termo.

Nos reinados de Nero, de Marco Aurelio e de Trajano talvez que a arte dramatica podesse ter revivido; mas os poderosos occupavam-se de theorias philosophicas, e a prosa foi preferida ao verso: — era a epocha dos historiadores e dos gramaticos. Quando o poder passou ás mãos de Constancio e Constantino outras causas fecharam ao povo romano as portas do amphetheatro: appareçera o christianismo, e as ideas paritanas, que espalbava nas altas classes desta sociedade perdida e corrupta, pozeram termo ás prodigalidades que alimentavam os bandos de gladiadores, comediantes, auctores, e sobre tudo as avultadissimas despezas dos trajos, decorações, estatuas &c. Alem d'isto a paixão do horrivel enerva-se e affroixa, porque os objectos horriveis depressa enfastiam; e os dramaturgos d'aquelle tempo serviram-se delles, porque já não havia arte; tendendo sempre o pouco que della resta a equilibrar-se com o character da epocha.

Já não existia pois a arte dramatica ao mudar-se a séde do imperio para Constantinopla: expirara porque a comedia havia cahido nos ignobeis *lazzi* da larça, e a tragedia nas horriveis peripécias de crimes e de sangue. Foi mister que a idade-media viesse abrir os porticos das egrejas catholicas á arte dramatica; para que, como a pheniz, se elevasse da fogueira, a que a arremessára a depravação romana.



CHRONICA THEATRAL.

Theatro Normal. — Terça feira 5 do corrente subiu pela primeira vez á scena um drama traduzido do francez, e que se intitula Rita Hispanhola.

Serviu de texto a esse drama um romance de Eugenio Sue intitulado *La vigie de coctwen*, do qual trez auctores (Desnoyers, Boulé, e Chabot) extrahiram o principal do seu assumpto, aproveitando-lhe os bons lances drama-

ticos, e mudando-lhe o despeixo, a fim de não deixar os expectadores sob a desagradavel influencia dos horrores que sem falta rematam todas as nevellas de M. Sue

A heroína do drama é *Rita a Hispanhola*, como no livro do romancero. Rita é adorada, perseguida, instada pelos incançaveis peraltas que constituem a flor da nobreza de França na época da *regencia*. Rita dá de mão a essas adorações que a enfastiam; nem julga merecer-lhe mais favoravel accolhimento o excessivo amor que lhe vota o nobre e poderoso conde de Vaudroy. Este não se poupa a meio algum de ser amado, mas, repellido sempre, desengana-se alfin, e eil-o ahí jaz no mais miserando estado de desesperação. Sua mãe corre a lançar-se aos pés da duqueza [Rita] conjurando-a de apiedar-se de seu filho. Rita resiste sempre: deve sua fortuna a um velho do qual enviuvára; e só contrahirá novas nupcias quando amar de coração: a bella hispanhola é romanésca; seja plebeu, seja desvalido o homem que ella amar, delle será sua mãe. A mãe do conde narra então, como o filho já por vezes attentára contra a propria existencia... a duqueza cede. Mas o conde lhe pedira como ultimo favor vê-la ainda uma vez antes de expatriar-se: deve apparecer á meia-noite debaixo das janellas; a hora se aproxima e que ventura o espera! — E' meia-noite, ouve-se um tiro na rua; foi o conde que se matou pela amante que ainda julgava insensivel! — Rita váe confinar-se no seu solar da Bretanha. — um eremitaõ que ninguem conhecia lhe salva a vida pondo em fuga um bando de salteadores que a haviam acommettido: o eremitaõ era um bello maneco, e ficára ferido na fregia; é conduzido ainda desmaiado ao palacio da duqueza; apertava na mão uma medalha; abre-a Rita e reconhece o seu retrato! — O santão fica no castello a curar-se; Rita se inflama do mais violento amor, e tudo dispõe em segredo para se unir ao extremosissimo amante com laço indissolvel. Reina o amor e a felicidade no palacio da Bretanha; amorosas practicas, suavissimas confidencias, e a esperanza de um certo venturoso futuro! chega o dia em que um sacerdote hade unir os dous amantes: Rita alvorogada lhe declara o que ha preparado... mas o eremita permanece frio, pensativo, e com semblante severo: e porfim diz-lhe que a não ama; que a enganou; que a despreza; que não é eremitaõ, mas sim o conde d'Auvray, irmão d'aquelle que seus rigores assassinaram, filho d'aquelle que não sobre-viveu á horrenda catastrophe. Rita protesta que é innocente, roga, implora; mas tudo em balde: invoca o amor que a consume, e até se lhe offerece,

quando não para esposa, ao menos para amante... Mas para requinte de ignominia, cortezaõs devassos e mulheres perdidas os escutavam por intervenção de d'Auvray! — Entram, e agoitam a misera com baldões e insolencias: então se ergue suberba a duqueza e proclama a sua innocencia, mostrando uma carta da mãe do conde: só uma parte dessa carta lê d'Auvray, que o fim della encerra um segredo que hade desatar o drama. O conde enfurecido, e cheio de remorsos, desafia o falso amigo que maliciosamente o ha induzido na atroz vingança. Este morre ás mãos do conde, que ora se abraza no mais violento amor; amor que á pouco fingira! Mas é tarde: a affronta que Rita soffreu, reclama vingança.

E só de vingar-se enra a bella duqueza. Corre a Versailles, sollicita e obtem honras, postos, condecorações para aquelle que tam vil a ultrajou: quer eleva-lo, para que mais sint a queda que lhe apparelha; quer que o pendor do seu ressentimento o esmague. Em suas mãos páram titulos que mostram não ser Henrique filho do conde Vaudray, mas de um servidor d'aquella nobre casa. E' em um brilhante baile dado pela duqueza, que ella revella a Henrique o segredo do seu nascimento e isto quando tem acabado de enfeitá-lo com a ordem do *Espirito Sancto*. Rita está mascarada, e a mascara que a cobre é por tal arte preparada que o rosto que a trouxe, um instante que seja, ficará disforme, horrendo; Rita lançou mão do funesto meio; não só para subtrahir-se ás exigencias do ministro que elevou Henrique, mas tambem para que lhe fosse impossivel ceder ao amor que ainda sentia. Um creado fiel substituiu a mascara preparada, por outra innocente, e illudindo as previsões da duqueza, foi causa da sua felicidade. A horrida metamorphose não tem logar; o amante é perdoado, todo o passado se cobre com véu impenetravel, e por fim casam-se os dous, a contento de clero, nobreza, e povo.

Eis o drama em esboço! esboçada foi tambem a critica; e de outra vez encheremos a pintura. A exposiçãõ não é feliz nem ingenhosa, nem nova, o fim do primeiro acto não está calculado para produzir grande effeito: este e o 2.º, são muito inferiores aos outros, não só quanto ao interesse, mas pelo que respeita ao dialogo, que n'aquelles é frouxo e desatado. A scena do eremitaõ com a duqueza quando esta lhe tira o retrato, é porventura algum tanto viva de mais; e extranha-se como a duqueza não só se amolda immediatamente ao amor do santão, mas até ella propria o anima sem rebaço, nem comedimento: note-se que Rita se não rec-

cordava de o ter visto jamais. — A vingança do conde é também demasiadamente *romantica*, isto é, não tem causa sufficiente: ainda quando fôra verdade o que elle pensava, reduzia-se tudo a suicidar-se um homem porque uma mulher não podia amal-o; — e em amor não ha vontade livre. A vingança que Rita se propõe executar carece igualmente de motivo justo: — por maior que tivesse sido a affronta, o arrependimento a lavou; e alem disso note-se que o conde humilhou-se, confessou a culpa, expiou-a com o sangue de seu perfido conselheiro, e, sobre estas compensações, mostrou amor profundo.

Seriam todavia porventura falliveis os corolarios que das reflexões que fizemos se houvessem de tirar ácerca do merecimento de drama! Pessoas ouvimos nós, de assas bom voto, ás quaes a peça não desagradou; e nós mesmos não podemos negar interesse aos dous ultimos actos.

A' senhora Talassi se devem as principaes honras d'essa representação: deve lembrar-se esta artista, que nem todos os papeis lhe estão igualmente appropriados, e que é este o genero em que especialmente costuma sobre-sahir. — *Debutou* o Sr. Dias, actor bem conhecido ja entre nós: infelizmente era de pouca força o seu papel, que aliás desempenhou como se esperava: foi chamado ao palco no fim do drama para receber applausos,

Os actores apparecem ricamente vestidos; mas nota-se que um joven e aperaltado corteção do tempo da regencia [O Sr. Victorino] apresenta-se na Bretanha exactamente com os mesmos vestidos, que, um anno antes, se lhe viram no baile da duqueza.

Theatro de S. Carlos — O Othello alguma vez completo, e muitas mais dividido tem sido a unica opera, que á quinze dias se tem offerecido ao ancioso *dilettantismo* da Capital; não falando na *Elena de Feltre*, que resurgindo um dia, tornou a desaparecer sem nos deixar saudades: felizmente o Othello não é opera para desdenhar, e o Sr. Conti se tem havido com tanta distincção que ha sido ella e elle talvez mais applaudidos que no principio. Seria injustiça não mencionar o Sr. Ferretti, que no duetto do 2.º acto desempenha a sua parte com muito esmero ratificando o que dizem do seu adiantamento — Nesta ultima semana foi a Companhia do Theatro Normal ao de S. Carlos representar em a quarta feira a comedia — *O Genio da Noite* — e na sexta o drama — *Rita Hispanhola* — e d'ambas as vezes captaram applausos os auctores, que, não se pode negar, fizeram todas as diligencias por desempenhar, como convinha, vencendo as

difficuldades que lhes apresentaria a differença de capacidade, e mais circumstancias inherentes ao grande theatro de S. Carlos. — A dança — Orpheu — composta pelo Sr. Casati não deixa de agradar, comquanto houvessem pronosticos para o contrario: — ainda que se lhe notem defeitos, como por exemplo o inferno, onde não parece ter sido mui consultada a mythologia, de cujos tempos é a accção, e para o que só bastasse talvez lèr o sexto canto do Virgilio; — ainda que nos enfadem algumas prolixidades, parece-nos que a dança tem outras partes, que muito bem compensam estes desares. Grande parte dos bailados é agradável a musica é muito adaptada ao subjeito, e as scenas novas tem merecimento fazendo-se digna de menção especial a ultima, por excellente e de muito effeito.

AVIZOS

Não havendo a maior parte dos *Senhores Assignantes do Porto satisfeito ainda o importe do primeiro trimestre das suas assignaturas, de novo se lhes roga queiram dirigir-se para esse effeito ao Sr. Manuel d'Almeida Cardozo, rua de Cedofeita.* —

Os Senhores Assignantes de Coimbra terão a bondade de entregar o importe do segundo trimestre das suas assignaturas ao Sr. Rodrigo José de Moraes Soares, Estudante do 4.º anno de Medicina.



T. de S. CARLOS.

Domingo 10 de Maio — O 1.º e 3.º actos de Otello. Dança Orphéo — 2.ª feira 11 — Beneficio de Fanuy Rabel — 1.ª Bailarina opera — Otello. Dança Os Mineiros. Mademoiselle De Vecchi, a beneficiada, e Mr. Casati, dançarão um Tercetto. Mr. Mansoni tocará um concerto de rebecca. — 4.ª feira 13 de Maio O 1.º acto d'Otello. — O Drama Portuguez — O Camões do Rocio. Dança — Os Mineiros — 6.ª feira 15 — Opera nova — Catharina de Cleves. Debutará o 1.º Baixo Veresi — Dança — Orphéo.

*Typ. de Luis Correa da Cunha
Costa do Castello n.º 15.*